

# AS MESMAS PESSOAS, OS MESMOS RESULTADOS

**A**s verdadeiras crises políticas são impostas pelos problemas das pessoas. A complexidade da Vida humana em sociedade cria, todos os dias, novas necessidades, obrigando o decisor político a encontrar soluções que as resolvam ou mitiguem. Sempre que o resultado não for este e as políticas públicas estejam desalinhasdas com as necessidades da população, enfrentamos um problema político e, em última análise, uma crise política.

A suposta dissolução da Assembleia da Republica, a acontecer no máximo até dia 5 de Dezembro, resulta de jogos tácticos de sobrevivência política que em nada estão relacionados com a Vida dos Portugueses. A sensação que tenho é que começa a valer tudo para manter o poder. Dizem uma coisa hoje e amanhã o seu contrário. Prometem fazer amanhã o que nunca fizeram no passado. A autocritica



**RICARDO  
CORREIA  
DE MATOS**  
PRESIDENTE  
DO CONSELHO  
DIRECTIVO DA  
SECÇÃO REGIO-  
NAL DO CENTRO  
DA ORDEM DOS  
ENFERMEIROS

não existe e quem devia escrutinar tudo isto, não quer, ou prefere ficar em silêncio. Eu compreendo a escolha. De facto, manifestar opiniões contra o governo ou as suas políticas passou, de um dever de cidadania, para um exercício de elevada coragem. Todos perdemos.

O Mundo mudou. A Europa está a mudar. Finalmente perceberam que em primeiro lugar estão as pessoas e só, muito depois, aparecem os mercados, as finanças e as retóricas políticas. E ainda bem. A chamada “bazuca” é um grito de alerta. Como quem

diz, atenção que agora é mesmo para investir nas pessoas e em infra-estruturas que façam a diferença na Vida das pessoas. O tempo da ideologia ficou restrito aos académicos da ciência política. Portugal precisa de novos protagonistas. Com ambição, competência e capacidade de acção. Capacidade de fazer acontecer. Eu abomino a narrativa do

País pobre e isolado num canto da Europa como justificação para os baixos salários, a ineficiência da justiça e a iniquidade da saúde. O que somos é o resultado do que escolhemos ser e, sempre que abdicamos de um dever, hipotecamos a nossa voz na construção de um futuro melhor.

Os dados mais recentes para 2020 revelam a existência de dois milhões de pessoas em risco de pobreza e exclusão social. Mostram ainda que, comparando com o ano de 1974, e descontando o efeito da inflação, as pessoas que recebem hoje o salário mínimo, recebem mais 138,7€ do que em 1974. Os beneficiários das pensões mínimas de velhice e invalidez do regime geral da Segurança Social recebem praticamente o mesmo, denotando-se um aumento irrisório (mais 7€ face a 1974) no valor das pensões. A esquerda socialista sempre viu aqui o seu principal eleitorado, e a direita capitalista a sua mão-de-obra barata. Resta muito pouco para quem, verdadeiramente, deseje fazer a diferença na vida destas pessoas.

O próximo governo português terá uma oportunidade única e caberá a todos nós, elegermos com sabedoria, inteligência e racionalidade. Sei que tudo é uma questão de percepção. Todos medimos o mundo pela métrica das nossas crenças. Mas quem nos trouxe até aqui, jamais conseguirá fazer diferente. ◀